



N.º 114 — Lisboa, 7 de abril

5.
ANO
45

PARODIA

FUNDADOR

RAPHAEL BORDALLO PINHEIRO

Publica-se às sextas-feiras

Toda a correspondência deve ser dirigida ao administrador da

PARODIA

PREÇO AVULSO 40 RÉIS

Um mez depois de publicado 80 réis

Redacção e administração — Rua dos Mouros, 37, 1.º

Assignaturas (pagamento adiantado)

Lisboa e provincias, anno 52 num. 25000 rs. | Brasil, anno 52 numeros..... 55000 rs.
Semestre, 26 numeros..... 15000 » | Africa e India Portugueza, anno. 25000 »
Cobrança pelo correio..... 5100 » | Estrangeiro, anno 52 numeros... 35000 »

NOTA: — As assignaturas por anno e por semestre aceitam-se em qualquer data; tem porém de começar sempre no 1.º de janeiro ou no 1.º de julho

EDITOR — CANDIDO CHAVES

COMPOSIÇÃO

Anuario Commercial

5, Calçada da Gloria, 5

IMPRESSÃO

Lithographia Artistica

Rua do Almada, 32 e 34

Ordem do dia

A. C.

Dizia Fénelon que a eloquencia conduz a tudo.

Conselheiro d'Estado, procurador geral da Corôa, presidente da Camara dos Pares.

Soberania authentica: a palavra.

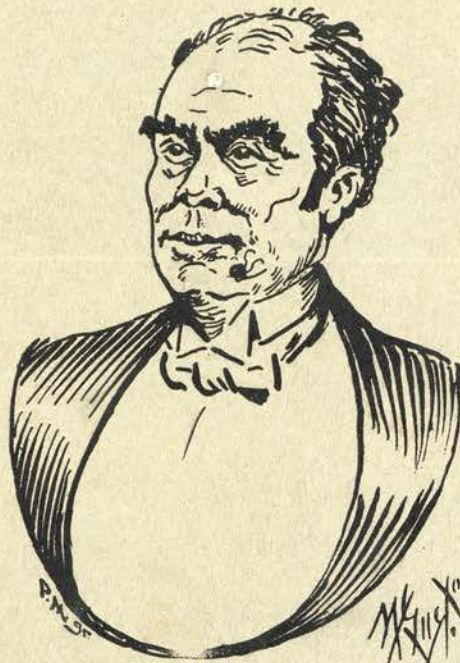
Todos os privilegios da oratoria.

Eloquencia ao mesmo tempo de tribuna, de pulpito, de fôro, de academia, de parlamento.

Atticismo, graça, gosto.

Artista, poeta, catholico, romantico, moralista, philosopho.

Habitos mundanos, como Massillon.



AGUA DE MEZA SAMEIRO

de uma leveza extraordinaria e de uma pureza indiscutivel, engarrada debaixo de todos os preceitos indicados pela Ciencia.

As garrafas e as ro-lhas usadas no en-garramento da Agua de Meza

Sameiro

São sempre esterilizadas

E já conhecida pelas suas pouco vulgares qualidades em quasi todos os paizes estrangeiros e nas colonias portu-guezas.

Está á venda: em todos os estabelecimen-tos importantes de Portugal

Preços de venda a retalho

Cada garrafa de 1/2 litro 80 rs.
" 1/4 litro 50 rs.

Deposito geral no Porto:

C. Coverley & C.^a

Reboleira, 55, 1.^o

Endereço telegraphico—COVERLEY
Telephone n.^o 15

Em Lisboa:

Manoel José da Silva

RUA D'EL-REI, 31, 2.^o

Telephone n.^o 512

Endereço telegraphico—MISSILVA

PABRICA DE CARTAS DE JOGAR de Germano & C.^a

Rua Vasco da Gama, 60, 1.^o—Lisboa

Cartas numeradas para os jogos de Whiste, Vol-tareto e Sólo. Especialidade em cartas para o jogo do monte.

Descontos aos revendedores

OURIVESARIA E RELOJOARIA

com officina annexa

de fabrico

e concertos



Jóias
com brilhantes

Preços limitadissimos.

99, Rua Aurea, 99



Peco a V. Ex.^a a fineza de não comprar chapéus sem primei-ro visitar este estabelecimento



Annuario Commercial de Portugal ILHAS E ULTRAMAR

PROPRIETARIO·EDITOR: MANOEL JOSÉ DA SILVA ~ DIRECTOR: CALDEIRA PIRES

DA INDUSTRIA, DA MAGISTRATURA E DA ADMINISTRAÇÃO CONTENDO: 1 milhão de endereços e informações em todos os ramos e em todas as freguezias do reino

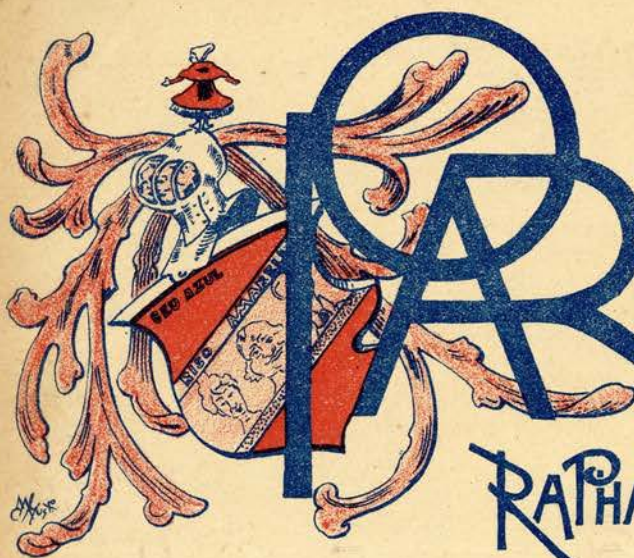
2:360 paginas de texto — 25.^o anno

A VENDA EM TODAS AS LIVRARIAS

PREÇO 2\$500 RÉIS

BRINDE: Uma nitida planta de Lisboa medindo 0,34 x 0,36

ESCRITORIO
PRAÇA DOS RESTAURADORES
(PALACIO FOZ)



N.º 114 — LISBOA, 7 DE ABRIL

5.º ANO 95

PARODIA

FUNDADOR
RAPHAEL BORDALLO PINHEIRO

Publica-se ás sextas-feiras
 Toda a correspondencia deve ser dirigida ao administrador da
PARODIA
 PREÇO AVULSO 40 RÉIS
 Um mez depois de publicado: 80 réis

Redacção e administração — Rua dos Mouros, 37, 1.º

Assignaturas (pagamento adiantado)

Lisboa e provincias, anno 32 num. 25000 rs. | Brazil, anno 32 números..... 35000 rs.
 Semestre, 26 números..... 12000 rs. | Africa e India Portuguesa, anno 25000 rs.
 Cobrança pelo correio..... 5000 rs. | Estrangeiro, anno, 32 números..... 35600 rs.

NOTA: — As assignaturas por anno e por semestre acceptam-se em qualquer data; tem porém de começar sempre no 1.º de Janeiro ou no 1.º de Julho

EDITOR — CARLIDO CHAVES
 COMPOSIÇÃO
Minerva Peninsular
 82, Rua do Norte, 82
 IMPRESSÃO
Lithographia Artistica
 Rua do Almada, 35 e 32



OS SEIOS DA REPRESENTAÇÃO NACIONAL

MONOLOGO DO SEDENTARIO



Resisti a todos os estímulos, a todos os convites, a todas as curiosidades e não fui ver as festas, não porque ellas contrariassem os meus principios, ou as minhas sympathias, mas na realidade porque sou — um sedentario.

Eu não sou um sedentario por enfermidade, ou por insociabilidade. Eu sou um sedentario por habito. Ha homens assim: eu só comprehendo a vida, em chinellos. A minha actividade é toda cerebral. Nenhuma actividade motora. A minha razão pápa leguas. Todas as manhãs pelo menos ella dá um passeio hygienico, do real para o irreal, do abstracto para o concreto. E' o que eu chamo fazer appetite para o almoço. O meu corpo não se move. Habito o planeta, mas não occupo dentro d'elle mais espaço do que o do meu predio. Verdaderamente, eu não atravanco o corpo social.

Por estas razões não fui ver as festas.

Em vão me foram feitos todo o genero de convites — publicos e familiares. A todos resisti. A perspectiva do ar livre assustou-me, como a de uma viva contrariedade pessoal. Já uma vez experimentei: é horrivel. Sempre que vejo por cima da minha cabeça o ceu, tenho a impressão de que estou perdido no universo. O Chiado dá-me todas as vertigens do infinito.

Não fui.

Não fui, mas não se imagine que me desinteressei dos acontecimentos. Eu sou um sedentario, mas sou um ser social. Não saio de casa, mas tenho todas as curiosidades da praça publica. Não se dá em Lisboa uma desordem em que eu não metta o nariz. O que faço é ler os jornaes. Ah! os jornaes são o meu vicio. Ainda a manhã não desponta, e, quando toda a gente pede café com leite, já eu peço os jornaes. Todos os jornaes! Não o faço por menos. Os medicos já m'o prohibiram, bem como ao tabacco. Durante algum tempo mesmo estive de dieta: lia só o *Noticias*. Depois consentiram-me as *Novidades*. Eu abusei e d'ahi a pouco voltava á mesma. Atribuo a isso a minha dispepsia.

Se não fui portanto ás festas, aguardei com frenesi os jornaes. Todo eu

era curiosidade — porque negal-o? As festas, para mim, eram os jornaes. Ler os jornaes ou ver as festas não era a mesma coisa: era melhor. Afinal, do Chiado, recebendo empurrões, cotovelladas, patadas, o que veria eu? Uma face apenas, fugitiva, de um grande factio. Da cama via-o por todos os lados.

A mim, — devo dizel-o, — o que verdadeiramente me interessava, mais do que a cidade em festa, a qual, em rigor, me deixava frio, eram os soberanos que ella ia receber, porque — devo dizel-o tambem, embora com risco de parecer pueril e ridiculo — sempre tive a superstição de que certas soberanias só existem no estado de abstracção. O czar, por exemplo! Eu só acreditarei que o czar existe quando o tiver visto. O mesmo me succedia com relação á rainha de Inglaterra e ao imperador da Alemanha. Guilherme II, eu sei! é um personagem bem veridico; mas a imaginação tem d'estes caprichos: antes de o saber em Lisboa, eu só acreditava n'elle no estado de oleographia. As soberanias regias parecem-me privilegios tão desconformes, como as soberanias divinas, de que ellas dizem emanar. Um rei, mesmo constitucional, é para mim tão fabuloso como o Padre Eterno, do qual no entanto ha retratos.

Mediante os jornaes, esperava eu destruir estas prevenções injustificaveis, quando vieram os jornaes.

Ai de mim! Os jornaes completamente mallograram a minha expectativa!

Eu esperava impressões. Os jornaes deram-me nomes. Eu esperava sensações. — Os jornaes deram-me numeros.

Li, reli n'esses dias festivos toda a imprensa quotidiana e não vi nada — nada! Sei que a rainha de Inglaterra e, logo após, o imperador da Alemanha desembarcaram no Caes das Columnas, em duas bellas tardes de março que eu proprio pude verificar, mas não os vi desembarcar. Sei que passaram pelo Chiado em alguns coches de gala, mas não os vi passar, como não vi passar os coches. Sei que, em dias successivos, percorreram a cidade, visitaram edificios e monumentos, mas d'estas diversões não tive impressão que me permittisse de qualquer modo vel-os. Sei que estiveram no theatro, mas no theatro tamponco os vi. O imperador da Alemanha tinha para mim como imagem, configuração, porte, movimento, particular interesse. Avidamente procurei o imperador da Alemanha nas columnas cerradas da imprensa da manhã. Não o vi. Sei que elle assistiu a alguns dos nossos exercicios militares e que os applaudiu. Como os applaudiu? Com as mãos? Com os pés? Busquei-o no Hippodromo, á frente do seu estado-maior, seguindo

com um olho experto, as manobras da nossa artilheria. e não o vi. Busquei-o na Sociedade de Geographia, lendo, — o que me seria tão interessante ouvir — e não o ouvi, não o vi. Busquei-o na nave dos Jeronymos, busquei-o junto do tumulto de Herculano e nem aqui, nem ali, nem n'outra parte o vi, como o desejaria ver — descripto, contado, traduzido em vida, em realidade, em actualidade, em factio.

Em compensação, supportei, trouxe em longas, interminaveis, fastidiosas columnas todo um almanach Palhares, todo um Gotha de estrebalaria, todo um Bottin de Governo civil. Soletrei, decorei nomes de cocheiros, escudeiros, trintanarios e policiaes. Bebi até ás fezes as cavallariças da Casa Real e a policia judiciaria.

A minha decepção foi enorme — A minha decepção e o meu despeito. Desde que me votei ao regimen celular da vida sedentario, é esta a primeira vez que a deploro. Eu perdi — reconheço o — um curioso espectaculo.

O prestigio da imprensa moderna e não sei se o habito de ler jornaes francezes, tinham-me em descanso. Em verdade eu não sahia, porque não me era preciso sahir. Os jornaes sahiam por mim e vinham com pontualidade a minha casa contar-me n'uma lingua expressiva o espectaculo das coisas e dos homens. Que mais queria eu? Era pratico, commodo e poupava-me calçado.

Depois do meu insuccesso não sahio n'outra. Já mandei fazer um par de botas e vou sahir, recuperar o mundo externo e o ar livre. Se me deixo ficar em casa, que idéa farei eu dentro em pouco da vida e da civilização? Através dos jornaes que me informam, dentro em pouco eu não teria da vida senão uma concepção algebraica e da civilização a idéa extravagante de que n'ella passaram a predominar os cocheiros e os policiaes.

Para as minhas necessidades civicas já mandei assignar o *Diario do Governo*. Para o resto, de futuro, prescindindo de jornaes. De futuro, o meu jornal — sou eu.

JOÃO RIMANSO.



BOATOS, CASOS E PIADAS

Outra vez correm boatos de que brevemente teremos modificações na composição do ministerio.

Na composição, não. Na decomposição!



Para que o Imperador Guilherme pudesse fazer uma idéa mais exacta das nossas colonias, a Sociedade de Geographia de Lisboa convidou-o a visitar o seu museu.

Durante essa visita, o Sr. Ferreira do Amaral tomava de vez em quando um frasco contendo café ou um frasco contendo cacáu, e, mostrando o ao Imperador, explicava:

— «Aqui tem Vossa Majestade Angola... Aqui tem Vossa Majestade Moçambique...»

A Sociedade de Geographia julga que a melhor maneira de conservarmos as colonias é mettendo-as em frascos.



Telegramma para o Seculo:

«Roma, 2. A Rainha Margarida realisa brevemente uma viagem, em automovel, a Hespanha e Portugal. A Rainha é, como se sabe, uma eme rita chauffeuse.»

Como se sabe — é forte!



A respeito da subscripção publica para a estatua ao Marquez de Pomal, barafustando, o *Correio Nacional* assegura-nos que tal monumento não será nunca levantado. E diz isto com um ar, e num tom, que a gente chega a convencer-se de que assim acontecerá realmente.

Trazem-na fígada, não ha duvida: deixam correr a subscripção, deixam levantar o pedestal, e quando os liberaes forem collocar a estatua, já lá encontram pespegado o Patriarcha!



De todos os pontos altos de Lisboa foi visto, um dia d'estes, o balão do aeronauta Ferramenta, que partiu do Jardim Zoologico, elevou-se no ar a cerca de 600 metros, e atravessou impavidamente o Tejo de cristal, para ir cahir onde afinal de contas?

Na Moita.

Amigos Malheiros Dias da notoriedade: olhae o balão do Ferramenta!



O Tribunal de Verificação de poderes annullou a eleição do Sr. João Augusto Pereira, por se ter reconhecido que elle não podia ser eleito, em vista de ser inspector do material de guerra no Funchal, por onde o elegeram.

Ao que parece, as opiniões no Tribunal estiveram divididas, havendo alguns juizes com a teima de que tal facto não deveris invalidar a eleição, pois já o candidato era inspector no anno passado, e fôra eleito tambem, tendo então o Tribunal aprovado a eleição.

De duas, uma: ou bem que o inspector não pôde ser deputado, ou bem que o deputado não pôde ser inspector. Se é inspector, não é deputado, se é deputado não é inspector.

A opinião d'um tribunal não pôde ser uma opinião do Pão fresco.



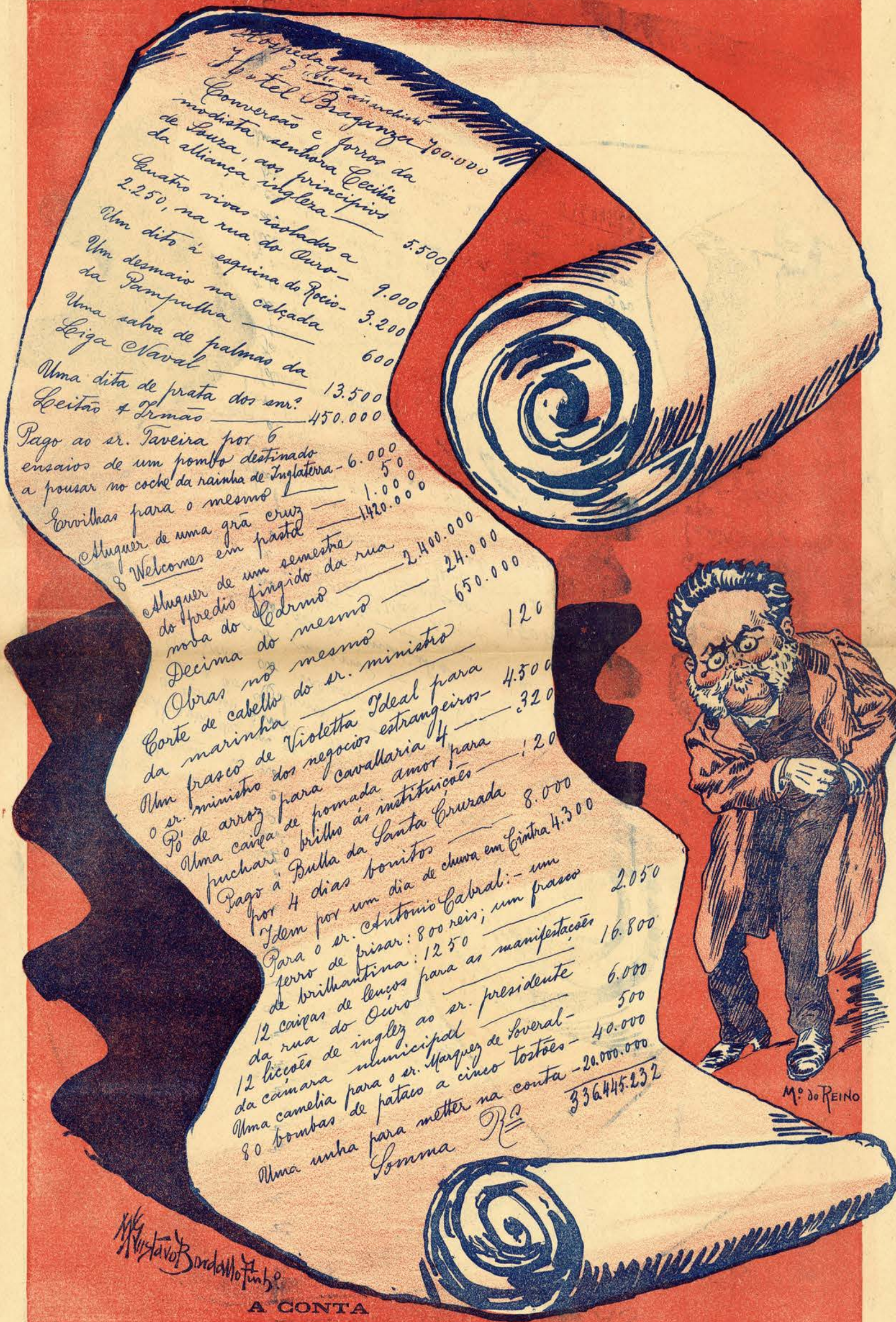
Tomou posse do cargo de inspector da Policia administrativa o Sr. Moreira Feio, em seguida ao que, voltando-se para o chefe do Districto, S. Ex.^a disse, pouco mais ou menos, o seguinte:

«Que fará por seguir a orientação traçada pelo Sr. Juiz Veiga, nos serviços da policia judiciaria, que tem sabido exercer pela forma mais independente e imparcial, applicando sempre a justiça com equidade, mas paternalmente, sem nunca provocar rancores. O modo por que o Sr. Juiz Veiga exerce as funcções da sua alta magistratura servir-lhe ha de norma no exercicio do seu cargo.»

Pois Sr. Feio: temos o caso feissimo!



DEPOIS DAS FESTAS



Hospedagem
 Hotel Dragão 400.000
 Conversão e forros da
 modista senhora Cecília
 de Souza, aos principios
 da aliança inglesa 5.500
 Quatro vivas isolados a
 2.250, na rua do Ouro 9.000
 Um dito à esquina do Rio-
 Um desmaio na calçada da
 Pampulha 3.200
 Uma salva de palmas da
 Liga Naval 600
 Uma dita de prata dos sm? 13.500
 Leiteiro & Irmãos 450.000
 Pago ao sr. Taveira por 6
 ensaios de um pombo destinado
 a pousar no coche da rainha de Inglaterra 6.000
 ervilhas para o mesmo 500
 Aluquer de uma grã cruz 1.000
 8 Welcomes em pasta 1420.000
 Aluquer de um semestre
 do predio fingido da rua 2.400.000
 nova do Carmo 24.000
 Decima do mesmo 650.000
 Obras no mesmo 120
 Corte de cabelo do sr. ministro
 da marinha 4500
 Um frasco de Violetta Ideal para
 o sr. ministro dos negocios estrangeiros 320
 Po' de arroz para cavallaria 4
 Uma caixa de pomada amor para
 puchar o brilho ás instituições 120
 Pago à Bulla da Santa Cruzada 8.000
 Idem por um dia de chuva em Lintra 4.300
 Para o sr. Antonio Cabral: - um
 ferro de prisar: 800 reis; um frasco
 de brilhantina: 1250 16.800
 12 caixas de lenços para as manifestações
 da rua do Ouro 6.000
 12 lições de inglês ao sr. presidente 500
 da câmara municipal 40.000
 Uma camelia para o sr. Marquez de Soveral
 80 bombas de pataco a cinco tostões 20.000.000
 Uma unha para metter na conta
 Somma 336445.232



M. do REINO

M. do REINO
 M. do REINO
 M. do REINO

A CONTA

Descrevendo a solemnidade official da abertura das Côrtes, na passada segunda-feira, informa o *Seculo* «que o serviço da policia foi todo feito de luva-branca.»

Depois, mais adiante, em uma das muitos notas soltas que formam a cauda da noticia, diz-se que, á esquina da Rua dos Poyaes para S. Bento, um dos guardas, que ali se achava de serviço, implicou com uma senhora que tranquillamente se dirigia para a Estrella, «obrigando-a a retroceder com violencia, e chegando a dar-lhe um empurrão.»

A contadição das informações do *Seculo* é, por vezes, d'uma inaudita flagrancia.



No seio da Sociedade de Geographia, onde Serpa Pinto e Capello e Ivens deram conta, em memoraveis conferencias, das ousadas explorações com que engrandeceram o prestigio de Portugal em Africa, tendo chegado muita vez a arriscar a propria vida, sacrificando commodidade e saude, passando fomes e soffrendo sédes — realisou-se, promovido pela mesma Sociedade, um opiparo banquete ao Sr. Marquez de Soveral.

Não ha dictado mais certo: Uns comem os figos, a outros rebenta a bôca!



Immediatamente á partida do Imperador da Allemanha, Lisboa voltou a ser infestada pela multidão de mendigos que tão desagradavel tornou o aspecto e o transito de certas ruas. Porque não os conserva a policia onde os teve durante a estada do Imperador entre nós?

Acoaso os teve hospedados no Hotel Internacional?



O Nuncio de Sua Santidade, andando a passear no Campo dos Martyres da Patria, perdeno seu anel de cardeal. E logo os jornaes se encheram com annuncios de boas alviçaras a quem, tendo achado o anel, se dêsse pressa em restituí-lo.

— «Bem sei eu quem se abotcaria com elle se o tivesse achado...» — dizia uma velha a outra, ali ao cimo da Calçada de Sant'Anna. «Que alviçaras de Nuncio, se calhar, são pr'ahi algumas indulgencias!»



Segundo a ultima nota da situação do Banco de Portugal, havia em caixa 11.054 contos, menos 34 do que na semana anterior.

Foi para ajuda das festas.



O Senhor dos Passos do Desterro, ou um novo aspecto da questão financeira.

Por occasião da procissão do Desterro, deu-se um incidente que um jornal da manhã, o *Seculo*, narra do seguinte modo:

«Ao sahir da procissão, entrou na igreja da Encarnação uma senhora já idosa, que disse ter uma carta para o Senhor dos Passos, entregando com effeito um envelope a Elle endereçado. Aberto o envelope, viu-se que continha uma inscripção de 100000 réis e uma carta assim concebida: «Peço licença para offerecer a esmola inclusa ao Senhor dos Passos do Desterro, pelos beneficios que me fez durante o anno.»

Ha n'este facto um primeiro aspecto a considerar, qual é o de ter sido dirigida ao Senhor dos Passos do Desterro uma carta que não lhe foi entregue e que foi aberta. Tratando-se além d'isso de uma carta que continha valores, affigura-se-nos tudo o que ha de mais irregular o que foi feito.

O outro aspecto é aquelle que nos mostra o Senhor dos Passos do Desterro portador de titulos da divida interna, crédor do Estado, jurista.

Se é certo, como o affirmou em tempos na camara dos deputados o sr. Mello e Sousa, que os titulos da divida interna estão destinados a soffrerem os effeitos de um *krack*, o que vae ser de nós?

Já a divida externa não nos tem causado pequenos sustos, como de resto toda a nossa complicada questão financeira. Já tínhamos, por exemplo, Reillac. Se a este crédor intratavel vem juntar-se o Senhor dos Passos irritado, o que vae ser de nós?

Já os nossos crédores se robusteciam com a auctoridade dos seus governos. De que auctoridade não pôde robustecer-se um crédor que está ao mesmo tempo vinculado por tantos laços fortes á terra e ao ceu?

Se doações da natureza d'aquella a que nos referimos continuam a ser feitas não já ao Senhor dos Passos do Desterro, mas a toda a economia divina, nós arriscamos-nos a ter pela prôa, pedindo nos juro, impondo-nos conversões — a Bemaventurança.

N'estes termos e na previsão de futuros acontecimentos, nós alvitramos que se exercite desde já o partido nacionalista para o uso do poder.

O sr. Jacintho Candido, seu chefe, é o unico estadista portuguez que está habilitado a debater os interesses do thesouro com o ceu.

A CASACA



Informa um dos nossos jornaes da manhã que, durante a estada do imperador em Lisboa, o sr. José Luciano esteve dois dias de casaca á espera da annunciada visita d'aquelle soberano, a qual, como se sabe, não se verificou.

A casaca é um movel eminentemente social e mundano, mas muitissimo pouco pratico para trazer por casa.

Nós comprehendemos que esses dois dias de oratorio e de casaca tenham sido particularmente penosos ao sr. José Luciano.

Mais penoso no entanto do que vestir a casaca foi — quer nos parecer — o despil-a.

Despir uma casaca que se vestiu para uma festa que afinal não se realison, ah! o desagradavel momento! E' a decepção, o mallogro, o insuccesso, quasi o desastre!

O sr. José Luciano passou por esse transe, e nós estamos a vel-o ao cahir da tarde do ultimo dia de ansiosa expectativa — quando já não restava uma só esperanza — deixando-se lentamente despojar d'esse trajo festivo.

Por certo ainda uma ultima vez o telephone vibrou.

Antes de completamente se despir, o sr. José Luciano, já em mangas de camiza, esperou talvez ainda a boa nova que não veio, e só depois se resignou, mollie, passivo, desalentado, a que lhe tirassem as botas, lhe puchassem com pericia e mimo, as calças.

Nas costas de uma cadeira ficaram talvez esses despojos de uma gala frustrada e elle por certo os considerou um instante com amargura, como os symbolos da sua grandeza cahida.

Mão bocado!

Os jornaes de opposição ao sr. José Luciano zomban naturalmente d'esta situação.

Esta situação, no entanto, está longe de ser comica.

Esta situação é um drama.

Cahir do sonho é como cahir de um 4.º andar.

O sr. José Luciano deu esta queda. Mas, por outro lado, como não seria assim?

Ha quedas inevitaveis.

O sr. José Luciano aspirava á honra da visita do imperador. — Porquê? Diz-se mesmo que a sollicitou.

— A que titulo?

Não pretendemos diminuir as proporções do chefe do partido progressista e do governo, mas reconhecidamente sua ex.ª não esplende no firmamento da politica europeia com um fulgor tal que attrahia mesmo as aguias. Sua ex.ª não é Campomanes, sua ex.ª não é Florida Blanca, sua ex.ª não é Pombal, como reconhecidamente não é Metternich, ou o conde de Cavenr. Por outro lado, sua ex.ª não é um sabio, um philosopho, um moralista, um litterato, ou um artista. O seu prestigio é real, mas limitado á zona da sua influencia concelhia e districtal.

Porque desejaria o sr. José Luciano a visita do imperador?

Por estar doente?

Mas—ex.º sr.— não é um sabio, um philosopho, um moralista, um litterato, ou um artista. O seu prestigio é real, mas limitado á zona da sua influencia concelhia e districtal.

Todo o enfermo é sympathico, mas não se torna por esse motivo prestigioso.

Como enfermo o sr. José Luciano recebeu do seu paiz uma homenagem pouco vulgar.

Aos doentes dá-se geralmente caldos. Ao sr. José Luciano o paiz deu-lhe—o poder.

Pretender, além d'isso, que a Europa, na pessoa dos seus reis e imperadores, venha desfilhar diante da sua cadeira de braços, é attribuir á sua enfermidade proporções grandiosas que ella realmente não tem.

Nós, pelo menos se vissemos o herdeiro de Frederico II na casa da rua dos Navegantes não o acreditariamos senão com a condição de nos garantirem que a doença do sr. José Luciano se chamava — Genio.



O Discurso da Corôa



O discurso da corôa d'este anno é particularmente noticioso.

Começa por assignalar a viagem dos reis de Portugal a Londres.

Em seguida ennumera:

Durante a Minha ausencia exerceu a regencia do Reino a minha muito amada mãe...

A Augusta Soberana, Rainha de Inglaterra, acaba de nos dar uma demonstração de estima...

Tambem Suss Altezas os Duques de Connaught distinguiram com a sua presença o nosso paiz...

Realisou-se o baptisado de Sua Alteza o Principe Real de Italia...

Foram assignados tratados de arbitragem entre Portugal e a Inglaterra...

Realisaram-se as novas eleições no meio de geral tranquillidade...

Está pendente do exame do Conselho Superior de Instructão Publica a reforma de instructão secundaria.

Tem melhorado consideravelmente a situação da Fazenda Publica...

Continuam as obras do porto de Lourenço Marques...

Vae iniciar-se brevemente a construcção do caminho de ferro da Swazilandia...

N'esta ordem de idéas, o discurso da corôa podia ir mais longe e continuar, por exemplo, assim:

Abriram os Grandes Armazens do Chiado...

A sorte grande do ultimo sorteio tocou mais uma vez ao feliz cambista Campião...

Partiu para o seu solar da Rêde o nosso amigo José Maria d'Alpóim...

Continúa á venda na Confeitaria Ultramarina a famosa gelêa de mão de vacca...

Chegou a Dakar o bandarilheiro José dos Santos...

Faz hoje a sua festa no D. Amelia o Antonio Manuel. Confio que a vossa illustração e o vosso patriotismo hão de concorrer para abrilhantar o espectáculo d'este nosso amigo e tenho fé em que, com o auxilio da Divina Providencia, elle terá o que se chama—na casão.

Está aberta a sessão.



O GALLO, A GALLINHA E A AGUIA --



E FOI-SE...

TYPOGRAPHIA

DO

Annuario Commercial de Portugal

PROPRIEDADE

DE

MANOEL JOSÉ DA SILVA



Iluminação e força motriz por electricidade

Impressões em tinta de copiar

Transportes, ouro e prata

Impressos para as repartições de Fazenda,
Camaras Municipaes, Companhias de seguros,

Emprezas de navegação, etc.

Bilhetes de visita,

facturas, bilhetes de loja, recibos,

talões, apolices, quotas,

participações de casamentos, conhecimentos, etc.

ESPECIALIDADE EM ROTULOS DE PHARMACIA

E

OBRAS ILLUSTRADAS



5—CALÇADA DA GLORIA—5

LISBOA

